

A Lagoa de Messejana

CARLYLE MARTINS

A água tranquila e azul da lagoa dormente,
Refletindo do céu a turqueza infinita,
É um espelho que encanta e que entenece a gente,
E, em sua placidez, parece que medita.

Vive na água serena, entre beijos, sorrindo,
Do céu a claridade azul, etérea e boa,
E queremos saber qual é o azul mais lindo,
Se o do céu ou o que fulge esfeito na lagoa.

A natureza em tudo é bela e majestosa :
No cenário de em tórno o verde se desfralda,
Aos reflexos do sol, que o beija e apoteosa,
Espalhando ouro em pó na mata de esmeralda.

A secular legião das frondosas mangueiras
Dá mais vida e fulgor ao vasto panorama,
Firmes, a projetar sombras hospitaleiras,
No chão macio que de fôlhas se recama.

Velhos coqueiros, num recanto ermo e sombrio,
Erguem para o infinito o solitário vulto,
Sob o ardente calor causticante do estio,
As palmas flabelando, em constante tumulto.

Cajazeiras triunfais, carregadas de ninhos,
Miram na água o perfil estrelado de flôres,
E a doida orquestração dos doces passarinhos
Enche tudo de sons, de gritos e rumores.

Agitam-se os bambus, ao capricho do vento,
— Harpas éolias vibrando em todos os instantes —
E em cícios de amor e vozes de lamento,
Nas márgens vão formando as moitas verdejantes:

E projetando na água a sombra leve e esguia,
Os delgados bambus fremem, de quando em quando,
Como um violino ideal que, em surtos de harmonia,
Estivesse a gemer e sempre soluçando.

Aves voejam cantando, entre ânsias e receios,
Na radiosa visão do azul, que as arreбата,
Mil curvas descrevendo, em breves voluteios,
Aqui e ali deixando irisações de prata.

A paisagem parece indolente e com sono,
Sob a umbela do céu, de uma safira estranha,
Que se confunde além, na tristeza do outono,
Com o longo e alto perfil da Serra da Aratanha.

A água mansa é um lençol de luz e suavidade,
Encerrando o mistério e o segrêdo de um poema,
E, se acaso estremece, é de mágoa e saudade,
A relembrar talvez o banho de Iracema. . .

Alvorece. Eis que o sol num lago de ouro assoma,
Dissipando da noite a fugitiva bruma.
À beira da lagoa há um delicioso aroma
Da mata que desperta e, em breve, se perfuma,

E o dia todo o sol refulgura e rebrilha,
Dourando a natureza imensa, erma e selvagem,
E a lagoa é um clarão de estranha maravilha,
Na moldura da terra, em cambiante roupagem.

Entardece. O silêncio e a paz envolvem tudo,
Escutam-se em surdina harmoniosos harpejos,
Há sombras vesperais pelo céu de veludo,
E o sol tomba no ocaso, em furtivos lampejos.

Vem a noite augural, revestida de treva,
E enche o espaço de luto e horror, de ponta a ponta,
Outras vêzes é o luar que desliza e se eleva,
Como prateada flor que na amplidão desponta.

E a lua, a mensageira ideal das grandes mágoas,
Mergulhando de vez no extenso sorvedouro,
Ergue, na profundez magnífica das águas,
Lindas tôrres de opala e altos castelos de ouro.